

UM BREVE PANORAMA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NAS PERIFERIAS DO CAPITALISMO¹

Helton Ricardo OURIQUES²
Departamento de Ciências Econômicas - UFSC

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar uma visão panorâmica e crítica sobre o desenvolvimento do turismo nas periferias do capitalismo, destacando aspectos relacionados à situação dos trabalhadores ocupados no setor turístico. O argumento central do texto repousa na tese de que o desenvolvimento turístico é incapaz de alterar a condição periférica. Mas, ao mesmo tempo, a atividade turística será mostrada como um elemento decisivo da modernização contemporânea, isto é, como fator de introdução de relações sociais tipicamente capitalistas.

Palavras-chave: periferia, turismo, relações sociais.

Abstract

The purpose of this article is to present a panoramic and critical view about the development of the tourism in the countries peripheries of the capitalism. The article points out the situation of workers in the touristic sector of economy. The main argument of this article is based on the thesis that the touristic development is incapable to change the peripheral condition. But, at the same time, the touristic activity will be seen both as a key element for the capitalism contemporary modernization, as well a factor of introduction of the capitalist social relationships.

Key words: periphery, tourism, social relationships.

¹ Este texto é uma versão substancialmente modificada e ampliada de artigo publicado na Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, que inclui também uma atualização (dos dados estatísticos) e alterações textuais de uma parte de um capítulo da tese de doutoramento defendida pelo autor em 2003 junto ao programa de pós-graduação em Geografia da UNESP de Presidente Prudente (OURIQUES, 2003).

² Doutor em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente e Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC. Correio: helton@cse.ufsc.br

1. Introdução³

Diante das disparidades regionais causadas pelo desigual desenvolvimento capitalista, tanto no espaço quanto ao longo do tempo, em muitas localidades periféricas o turismo acabou sendo disseminado por poderosos mecanismos ideológicos, notadamente os meios de comunicação. Tal disseminação, inicialmente, é feita tanto pelo meio político quanto pelo meio empresarial. Posteriormente, quando a ideologia do desenvolvimento turístico está arraigada, até mesmo o mais humilde dos cidadãos passa a acreditar que o turismo é uma atividade benéfica, capaz de proporcionar o desenvolvimento das localidades atrasadas ou mesmo que enfrentam dificuldades econômicas locais.

Com muita frequência, é apresentada a maneira mais adequada de promoção do desenvolvimento do turismo, já que a notável expansão desta atividade em escala mundial acaba atraindo lugares da periferia que lidam com problemas relativos ao crescimento. Melhor dizendo, com males relativos à carência desse crescimento! Assistimos assim, nas zonas periféricas, à competição entre regiões e lugares para que sejam receptoras dos grandes projetos e empreendimentos turísticos.

Mas essa prática não seria possível se já não fosse socialmente aceita a crença de que o turismo se configura como uma grande fonte de oportunidades de emprego e renda para as populações locais. Ao mesmo tempo, atribui-se ao turismo a capacidade de incrementar as receitas municipais. Tendo, portanto, impacto positivo sobre a distribuição de renda, já que cidades com mais arrecadação de impostos teoricamente têm mais recursos para investir nos meios de consumo coletivo. Por fim, é difundida também a idéia de que o turismo é uma atividade econômica não poluidora, capaz de promover um desenvolvimento ecologicamente sustentável.

Enfim, em linhas gerais, é esse o conjunto de argumentos que sustentam a defesa da atividade turística. Ora, que questões merecem ser destacadas em uma análise crítica sobre o desenvolvimento turístico e que não são tratadas de forma adequada pelo pensamento dominante? Tais questões serão apresentadas a seguir.

³ Registre-se que a apreciação aqui efetuada pretende pontuar as tendências mais gerais, utilizando exemplos apenas e tão somente como ilustrações, quando for o caso.

2. Uma perspectiva crítica sobre o desenvolvimento turístico

De início, é necessário destacar que, em regiões periféricas, a introdução da atividade turística tem, inicialmente, um efeito desestabilizador, de desestruturação da economia pré-existente. São inúmeros os relatos de processos de decadência e mesmo de desaparecimento das atividades econômicas tradicionais a partir do advento do turismo. Esse processo é comum em comunidades litorâneas, que sempre viveram da pesca e demais atividades artesanais, que aos poucos vão abandonando seu sustento tradicional. Mas não por escolha! De um lado, pela concorrência promovida pela pesca industrial (algo que já aconteceu em várias partes do litoral brasileiro, aliás). De outro lado, pelo processo de aquisição dos terrenos e expulsão dos pescadores e suas famílias da orla marítima, promovido pelas atividades imobiliárias especulativas, ligadas direta ou indiretamente ao turismo, como destacado no artigo de BURSZYTYN (2003) sobre o litoral cearense. Situações similares ocorrem com comunidades que vivem próximas a rios e lagoas, inclusive. Temos assim uma desestruturação inicial da economia local, aliada a um processo de mudança no uso e ocupação dos melhores espaços à beira dos mares, lagoas e rios⁴.

Além disso, uma nova estruturação da economia local aflora, com o surgimento de uma rede hoteleira, de restaurantes, de atividades de comércio etc. Parte dos excluídos pelo processo anterior até encontra ocupação nessas novas atividades econômicas, mas parece que o essencial, isto é, o padrão de vida dessa população, não se altera significativamente. No litoral do Nordeste brasileiro, que há duas décadas vem crescendo de forma espantosa do ponto de vista turístico, por exemplo, os homens e mulheres que agora trabalham na indústria do turismo ainda sobrevivem nos mesmos bairros precários, com as mesmas condições precárias de habitação e saneamento de suas residências. E, principalmente, com níveis salariais muito baixos. Aliás, essa é a tônica geral em toda a periferia do capitalismo: - as atividades do turismo remuneram muito mal. A própria Organização Mundial do Turismo (2001) reconheceu as características básicas da ocupação no turismo: sazonalidade, precariedade, baixos salários. Some-se a isso a informalidade, característica marcante dos

⁴ Há inúmeros relatos na literatura internacional sobre esse tipo de situações. Para uma compreensão inicial sobre os efeitos (de um ponto de vista crítico) da globalização turística sobre os povos indígenas ver PERA, Lee e McLAREN, Deborah (2001), CHÁVEZ (1999), PLEUMARON (1999) e VARGAS (1999).

mercados de trabalho nas economias periféricas, e tem-se um quadro nada agradável a caracterizar o turismo, sob essa ótica. É por essa razão que CASTELLS (1999), ao redigir sua trilogia sobre *a sociedade em rede*, sentenciou o seguinte em relação ao turismo internacional:

...a globalização das atividades econômicas oferece a oportunidade de ganhos substanciais ao se empregarem crianças, obtidos a partir das diferenças entre o custo da mão de obra infantil nos países em desenvolvimento e o preço dos bens e serviços cobrados nos mercados mais abastados. Esse é, claramente, o caso do setor de turismo internacional. Os serviços de luxo dos quais os turistas de uma renda média podem usufruir em muitos “paraísos tropicais” dependem, em grande medida, da superexploração da mão de obra local, inclusive de um número significativo de crianças. (p. 182)

Com a clareza que não se vê nos livros e artigos de muitos pesquisadores do turismo, a Organização Mundial de Turismo (OMT) explicitou os mecanismos capitalistas de exploração que regem o setor, ao enumerar as dez principais características do mercado de trabalho turístico mundial:

- elevada porcentagem de trabalhadores em meio período;
- elevada porcentagem de trabalhadores temporários e ocasionais;
- importante presença de mulheres com contratos de meio período em hotelaria e restaurantes, maior do que em outros setores econômicos;
- escasso número de mulheres em cargos de maior responsabilidade;
- presença importante de trabalhadores estrangeiros com contratos de meio período. Nos países em desenvolvimento, os estrangeiros geralmente ocupam os cargos de responsabilidade;
- também na hotelaria e alimentação se observa uma importante presença de jovens com escassa qualificação ou estudantes empregados no setor esporadicamente;
- grande número de trabalhadores clandestinos;
- menor retribuição que em outros setores econômicos;
- maior número de horas semanais trabalhadas para os empregados do setor, com horário e turnos de trabalho especiais;
- grau de sindicalização inferior a outros setores (OMT, 2001:352-3).

Em terceiro lugar, o turismo se inscreve no contexto maior da transformação mercantil de todos os aspectos da vida social. O turismo aparece assim como um veículo da mercantilização de tudo, desde um lugar ao sol até a transformação do folclore em espetáculo programado para os turistas. Afinal de contas, já existem muitos lugares à beira-mar privatizados, nas quais o acesso é exclusivo. Em algumas praias nas periferias do mundo, inclusive, não é sequer permitido o acesso dos “nativos”. Ao mesmo tempo, esses “nativos” são objetos de fotografias

quando dançam suas danças típicas, quando praticam seus “rituais bárbaros” ou se vestem de “forma primitiva”, como descrito por CANCLINI (1983), KRIPPENDORF (1989) e TURNER & ASH (1991).

O fato é que, nos países e regiões periféricas, todos os esforços vêm sendo feitos no sentido de desenvolver o turismo. Depois dos sucessivos fracassos dos processos de modernização, o turismo apareceu, especificamente a partir da década de cinquenta do último século, como a alternativa de desenvolvimento.

É inegável que a introdução do turismo na periferia acabou por gerar várias “ilhas de prosperidade”, criando um circuito privilegiado de consumo e produção. Mas essa prosperidade restringiu-se a poucos. Para os trabalhadores, significou apenas a diminuição e/ou substituição de atividades econômicas tradicionais por outras, direta e indiretamente turísticas, como guias, garçons, cozinheiros, faxineiros, etc. Ao mesmo tempo, as condições estruturais de vida pouco se modificaram, como apontado por TURNER & ASH (1991), BOUHDIBA (1981) e SAAL (1987). Isto é, de modo geral os residentes não se beneficiaram e não se beneficiam do “progresso” que o turismo promete.

E mesmo todo o esforço empreendido pelas elites periféricas (isenções, incentivos, doações de terra, etc.), durante mais de cinquenta anos, foram incapazes de alterar a estrutura mundial da economia turística. Ao analisarmos os números apresentados pela Organização Mundial do Turismo, que cobrem o período 1990 – 2004, podemos ter uma apreensão mínima sobre como os mecanismos de manutenção da estratificação da economia mundial também se manifestam para o caso do turismo, como evidenciam os fluxos de turistas e receitas cambiais das Tabelas 1 e 2.

TABELA I
CHEGADA DE TURISTAS POR REGIÃO DO MUNDO (EM %)

Região	1990	1995	2000	2004
Europa	60,45	58,24	57,55	55,38
Eua + Canadá	12,42	11,17	10,30	8,51
México + Am. Central	4,35	4,22	3,63	3,44
Caribe	2,59	2,59	2,48	2,36
América do Sul	1,76	2,17	2,21	2,09
Ásia + Oceania	12,77	15,30	16,19	18,98
África	3,47	3,78	4,11	4,50
Oriente Médio	2,19	2,53	3,52	4,73
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Organização Mundial do Turismo, 2006. Elaboração própria.

Do ponto de vista da evolução do número de turistas, os dados mostram que, mesmo com uma ligeira queda relativa, a Europa concentra os fluxos mundiais (55,38% em 2004, o que significou aproximadamente 425 390 milhões de turistas), seguida pelos conjuntos Ásia/Oceania, com 18,98% (pouco mais de 145 milhões de turistas) e Estados Unidos/Canadá, com 8,51% (65 milhões de turistas, aproximadamente)⁵. O fato é que os países europeus, os Estados Unidos e o Canadá concentraram, em 2004, 63,89% do fluxo turístico mundial. A tabela também evidencia a evolução do conjunto representado pela Ásia e Oceania, que se deve, principalmente, à notável expansão do turismo na China⁶. Isso pode ter duas razões: de um lado, a abertura política e econômica promovida pelo país ao longo dos anos 1980, que diminuiu as restrições à presença de estrangeiros; de outro, o câmbio favorável aos turistas.

A situação do conjunto composto pelo México, Caribe e as Américas Central e do Sul, é que pouco se alterou no período. Do ponto de vista do movimento de turistas, embora tenham obtido incrementos absolutos no número de visitantes (de 38,2 milhões em 1990 para pouco mais de 60 milhões em 2004), a participação relativa desse conjunto de países teve uma pequena redução, já que era de 8,7% em 1990 e passou a ser de 7,89% em 2004. Do ponto de vista das receitas turísticas (Tabela 2), a situação manteve-se estável, porque, em termos relativos, era de 7,43% em 1990, passando para 7,41% em 2004. Quer dizer, o incremento no número de visitantes não foi suficiente para aumentar a participação desse conjunto de países na apropriação das receitas oriundas do turismo mundial.

Por outro lado, o conjunto composto pela África e Oriente Médio apresentou pequenos incrementos relativos tanto no fluxo de visitantes quanto na participação nas receitas cambiais turísticas. Quanto ao primeiro aspecto, a participação passou de 5,66% em 1990 para 9,23% em 2004. Em

⁵ É importante destacar que a significativa redução de fluxo turístico para o conjunto EUA/Canadá em 2004 deve-se, provavelmente, aos reflexos dos acontecimentos de 11.09.2001.

⁶ Em 1990 a China recebeu 10,5 milhões de visitantes. Esse número chegou a quase 42 milhões em 2004. Em termos percentuais, a China passou de 2,38% do total do turismo receptivo em 1990 para 5,44% em 2004. Caso sejam agregados Hong Kong e Macau, esse total, para 2004, chega a 8,31% do turismo receptivo mundial (Fonte: Organização Mundial do Turismo, 2006).

relação às receitas turísticas, a África teve um insignificante crescimento em sua participação (de 2,37% em 1990 para 3,15% em 2004) e o Oriente Médio passou de 1,90% em 1990 para 4,04% em 2004. De qualquer forma, os números do conjunto citado também são modestos e as condições sociais e econômicas atuais não parecem indicar que essas regiões venham a se tornar dinâmicas na economia mundial em geral e na economia turística, em particular.

TABELA 2
RECEITA TURÍSTICA INTERNACIONAL POR REGIÃO DE DESTINO (EM %)

Região	1990	1995	2000	2004
Europa	52,89	51,66	48,28	51,01
Eua + Canadá	18,83	17,74	19,70	16,08
México + Am. Central	2,37	1,93	2,40	2,58
Caribe	3,23	2,98	3,56	2,99
América do Sul	1,83	1,75	1,91	1,84
Ásia + Oceania	17,20	19,65	18,73	20,62
África	2,37	2,07	2,18	3,15
Oriente Médio	1,90	2,66	3,65	4,04
Total	100	100	100	100

Fonte: Organização Mundial do Turismo, 2006. Elaboração própria.

A Tabela 2, que trata da receita turística internacional, acaba complementando a Tabela 1. Nela enxerga-se, claramente, que a Europa, os Estados Unidos e o Canadá, juntos, concentravam 71,16% das receitas mundiais em 1990 e passaram para 64,96% em 2004⁷. Apesar dessa redução, é inegável a concentração das riquezas do setor nesses países. Já o conjunto composto pela Ásia e pela Oceania apresentou importante desempenho no mesmo período, passando de 17,20% para 20,62% das receitas turísticas. Isso pode ser explicado pela conjugação do processo de

⁷ Os números absolutos da evolução das receitas internacionais turísticas indicam a expansão da Ásia, da Oceania e do Oriente Médio. Em termos de países, na Ásia destacam-se a China (que passou de 2,2 bilhões de dólares em 1990 para mais ou menos 29,3 bilhões de dólares em 2004); a Tailândia (que passou de 4,3 bilhões de dólares em 1990 para 10,1 bilhões de dólares em 2004) e a Índia (que passou de 1,5 bilhões de dólares em 1990, para 7,3 bilhões de dólares em 2004). Na Oceania, destaca-se a Austrália (que passou de 4,2 bilhões de dólares em 1990 para 16,8 bilhões de dólares em 2004). No Oriente Médio, menciona-se aqui o Egito (que passou de 1,1 bilhões de dólares em 1990 para 6,8 bilhões de dólares em 2004). (Fonte: Organização Mundial do Turismo, 2006).

desvalorização das moedas locais com o aumento do número de visitantes, o que fez com que entrassem mais dólares nessas economias.

Aliás, o fator cambial parece ter sido o principal mecanismo de incremento turístico dos países da periferia ao longo do período. Quando o câmbio é desfavorável (isto é, quando a moeda nacional é valorizada frente ao dólar), o país tende a se tornar emissor líquido de turistas (ou seja, o número de residentes que viajam é superior ao de visitantes)⁸.

Ora, é necessário assinalar novamente que o desempenho aparentemente impressionante do conjunto composto Ásia e Oceania foi puxado pela China, que vem tendo significativos índices de crescimento econômico há quase duas décadas. Na verdade, essa é uma evidência de que não é o turismo que, por si só, leva ao desenvolvimento, mas é o desenvolvimento econômico, como processo de expansão geral de uma dada economia (isto é, expansão da indústria, da agricultura, dos serviços...), que proporciona as condições para que o turismo se desenvolva.

Voltando ao tema da concentração das riquezas mundiais no setor turístico, é preciso mencionar que até mesmos autores pró-turismo (como os abaixo citados) reconhecem essa situação: “as receitas do turismo contemplam essencialmente o mundo desenvolvido, onde se localizam as principais agências de viagem” (ROBINSON, 1999:22). Isso também já foi ressaltado por CAZES (1996), que destacou a crescente dependência dos países do Sul em relação ao sistema turístico multinacional, através de dois movimentos complementares:

De um lado, no quadro da irreprimível evolução mundial em vista da liberalização e da privatização, que só poderia atingir também o turismo, por um processo geral e acelerado de desengajamento do Estado que, em numerosos países do Sul, retrocede ao setor privado: companhias aéreas e outros transportes, hotéis e *resorts*, cassinos, centros de convenção, marinas, complexos turísticos, mesmo centrais de aprisionamento, agências e escritórios de turismo, escolas de formação profissional...

Por outro lado, e simultaneamente, a constituição ou reforço de uma rede turística transnacional de algumas firmas mundiais levadas, segundo as oportunidades, nas operações de controle vertical (transporte-produção e distribuição de viagens, hospedagem turística, etc; ilustrada na França por *Nouvelles-Frontières*, na Alemanha pelo primeiro operador do mundo, TUI) ou do

⁸ Esse foi o caso do Brasil, por exemplo, que implantou em 1994 uma política monetária de valorização cambial que refletiu no saldo negativo da conta turismo do balanço de pagamentos.

desenvolvimento horizontal (como a constituição de megagrupos hoteleiros (...)). Como nos outros setores econômicos, as modalidades de intervenção destas firmas multinacionais nos países do Sul modificaram-se; suas implicações e seus investimentos diretos deixaram lugar a formas mais sutis, menos onerosas, sem ser menos constrangedoras: *franchisings* hoteleiros e comerciais, aportes tecnológicos e profissionais diversos. (p. 82)

Particularmente o primeiro movimento, de privatização e desregulamentação, aparece em publicação recente da Organização Mundial do Turismo (2001) como crucial para o “desenvolvimento” do turismo na periferia. A OMT está defendendo abertamente os princípios da Organização Mundial do Comércio, que apregoa a abertura total das economias nacionais, especificamente para as atividades de serviços, que contemplam o setor turismo. Abertura esta traduzida na eliminação de restrições à entrada de capitais estrangeiros, controle de recursos naturais e acesso ao crédito e às isenções locais.

Em outras palavras, a OMT prescreve para o turismo a mesma receita genérica de abertura total e indiscriminada de mercados, relativa a outros setores da economia, que significa a capitulação final das políticas nacionais de desenvolvimento da periferia, substituídas pela dominação pura e simples dos grandes grupos industriais e financeiros internacionais.

Contrariando os mitos ideologicamente estabelecidos, afirma-se aqui que, na periferia do capitalismo, o turismo não se constitui em “motor do desenvolvimento”. Por isso, registre-se a concordância com ARCHER & COOPER (2001), que afirmaram: “nos casos mais extremos o turismo internacional impôs aos países emergentes uma forma de desenvolvimento de tipo neocolonial. Esse neocolonialismo retira poder dos níveis local e regional e o concentra nas mãos das companhias multinacionais” (p. 91).

E mesmo o aporte de divisas estrangeiras àqueles países pequenos que têm no turismo sua principal atividade econômica, acaba não beneficiando a maioria de suas populações. É isso o que também diz CAZES (1996):

...muitos países frágeis e pouco diversificados economicamente devem importar o essencial dos equipamentos e dos produtos exigidos pelos visitantes estrangeiros... Um cálculo minucioso das contas exteriores do turismo, levando em consideração o conjunto das entradas e das saídas financeiras produzidas pela recepção do turismo internacional, conduz o mais freqüentemente, a confirmar o pensamento pessimista de François Ascher: **não é o turismo que permite o desenvolvimento, mas é o desenvolvimento geral de um país que torna o turismo rentável** (grifos nossos) (p. 80).

Quando é analisado o que acontece em vários locais do planeta, onde as canalizações de água e esgoto que servem a hotéis luxuosos passam por bairros pobres sem ser a elas ligadas; onde a eletricidade que ilumina e aquece o banho dos turistas não chega até as comunidades locais; onde o asfalto que passa pelos roteiros turísticos contrasta com as ruínas esburacadas e enlameadas dos bairros pobres, muitas vezes a poucos metros da modernidade automobilística, pode-se concluir que a especificidade do desenvolvimento pelo turismo, para a imensa maioria dos habitantes do mundo periférico, não passa de uma ilusão.

Ao mesmo tempo, parece claro que o turismo está mudando a geografia do mundo, inserindo nos circuitos econômicos globais localidades, regiões e países da periferia capitalista. A questão que se coloca, nesse sentido, relaciona-se com as potencialidades do turismo em transformar a história de subdesenvolvimentos em uma inserção ativa, dinâmica, que modifique essas economias no sentido de promover um desenvolvimento endógeno, capaz de diminuir os males oriundos do atraso econômico.

Ora, o turismo não é, por si só, mais indutor do desenvolvimento do que as atividades agrícolas ou industriais. E tem se mostrado incapaz de reduzir a enorme distância que separa o centro da periferia. Passados mais de cinquenta anos de distintos projetos de desenvolvimento turístico nos países e regiões periféricos, alguém poderia afirmar que o Egito, a região do Caribe ou as Ilhas Maldivas, para ficar somente nesses exemplos, saíram da condição periférica? Algum dos principais destinos turísticos da periferia efetivamente alcançou o desenvolvimento?

3. Considerações finais

O que se pode concluir acerca da discussão precedente? Em primeiro lugar, evidencia-se que o turismo é um veículo da modernização capitalista. Talvez seja essa sua principal função na globalização contemporânea: introduzir as relações sociais especificamente capitalistas, subordinando e mesmo extinguindo, muitas vezes, as formas sociais arcaicas, tradicionais. A jornalista Naomi KLEIN (2005), ao discutir a relação entre o *Tsunami* e o capitalismo, diretamente tocou no assunto, quando comentou:

Ahora el Banco Mundial esta usando el tsunami del 26 de diciembre para empujar sus políticas cortantes. Los países mas devastados que casi no ha visto alivio de su deuda y la mayor parte de la ayuda de emergencia del Banco Mundial ha ido en

forma de prestamos, no a fondo perdido. Mas que enfatizar la necesidad de ayudar a las pequeñas comunidades pesqueras – mas de 80% de las víctimas de las olas – el banco esta empujando la expansión del sector turístico y granjas piscícolas industriales. Para las infraestructuras públicas dañadas, como carreteras y colegios, los documentos del banco reconocen que reconstruirlos “podría pensar las finanzas públicas” y sugiere que los gobiernos consideren las privatizaciones (si, solo tienen una idea). “Para ciertas inversiones”, según se dicen en el plan de respuesta al tsunami del banco, “podría ser apropiado utilizar financiación privada” (p. 3-4).

De acordo com a jornalista citada, a Secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, provocou uma pequena controvérsia quando descreveu o *Tsunami* como “*uma maravilhosa oportunidade que ha pagado grandes dividendos para nosotros*” (idem). Qual o sentido dessa declaração? É que o desastre natural literalmente varreu das zonas costeiras populações inteiras, facilitando a acumulação de capital turístico. Por isso, diz a autora, citando uma entidade ligada à reconstrução local da Tailândia (Thailand Tsunami Survivors and Supporters), “*para los políticos negociantes, el tsunami era la respuesta a sus oraciones, ya que literalmente barrió estas áreas costeras de las comunidades que habían previamente paralizado sus planes turísticos, hoteles, casinos y sus granjas de gambas. Para ellos, todo esta área costera era ahora tierra abierta!*” (idem). Assim, enquanto os povos pescadores estão sendo forçados a viver no interior, nas barracas de estilo militar, “*los gobiernos, las corporaciones y los donantes extranjeros se están agrupando para reconstruirla como a ellos les gustaria que fuera: playas como campos de juegos para turistas, los oceanos como minas de agua para flotas pesqueras corporativas, servidos por aeropuertos privatizados y carreteras construidas con el dinero prestado*” (idem). Trata-se, nesse caso, do aproveitamento de uma oportunidade oriunda de um desastre natural para instituir rapidamente a lógica das relações capitalistas, alterando a forma de propriedade e levando a parte da população que voltará à costa litorânea modificada a inserir-se nas relações assalariadas de trabalho. Em síntese, eis uma forma acelerada de modernização turística.

Em segundo lugar, o turismo é um poderoso agente de transformações sociais e espaciais. Menciona-se isso porque as atividades ligadas ao turismo são “consumidoras” de espaço, através da criação das infra-estruturas hoteleiras, de alimentação, de comércio e de especulação imobiliária (o leitor deve ter em mente os grandes prédios que surgem na paisagem das orlas marítimas) e mesmo das infra-estruturas públicas, como rodovias pavimentadas. É por isso que, para retomar as afirmações feitas no início desse texto, o turismo desponta nas regiões periféricas como a mais recente promessa de desenvolvimento e, em alguns discursos

(inclusive acadêmicos), como a única chance de se alcançar o tão almejado desenvolvimento.

Finalmente, cabe uma observação de caráter político. Pensar que uma nação possa realmente galgar melhorias econômicas e sociais somente com a preponderância de atividades servis – que caracterizam a economia turística – é desejar muito pouco para o futuro. Mesmo porque os principais centros turísticos do mundo, que não por acaso são os países centrais, só alcançaram esse estágio por conta da diversidade de atividades econômicas, notadamente as industriais. Limitar-se à venda das paisagens ou da beleza plástica do povo é condenar esse povo a existir como “museu vivo” do turismo internacional. É continuar reproduzindo o colonialismo através da existência dos habitantes locais exclusivamente como servidores do turismo, como fontes de deleite sexual (o turismo sexual) ou como seres exóticos que existem como temas de fotografias e filmagens.

Referências Bibliográficas

- ARCHER, B. e COOPER, C. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: THEOBALD, W.F. (org.). Turismo global. São Paulo, SENAC, 2001.
- BOUHDIBA, A. Turismo de massa e tradições culturais. O correio da Unesco. Rio de Janeiro, ano 9, n. 4, p. 4-8, abril de 1981.
- BURSZTYN, Ivan. Especulação imobiliária no litoral cearense. Instituto Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, *Caderno Virtual de Turismo*, n. 7, junho de 2003, 12 folhas. Disponível em www.ivt-rj.net. Acesso em 10.06.2003.
- CANCLINI, Nestor G. As culturas populares no capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1983, 149 p.
- CASTELLS, Manuel. Fim de milênio. São Paulo, Paz e Terra, 1999. (Terceiro Volume da trilogia “A era da informação: economia, sociedade e cultura”).
- CAZES, Georges. Turismo e subdesenvolvimento: tendências recentes. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo, Hucitec, 1999.
- CHÁVEZ, Raymond. Globalización y turismo: mezcla mortal para los pueblos indígenas. *Revista del Sur*, Montevideo, n. 91, maio de 1999, 5 f. Disponível em www.revistadelsur.org.uy. Acesso em 24.03.2003.
- KLEIN, Naomi. El auge del capitalismo del desastre. In: www.rebellion.org, 05.05.2005, acesso em 21.05.2005.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989, 235 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Introdução ao turismo. São Paulo, Rocca, 2001, 385 p.

_____. Tourism Market Trends – 2005. Madrid, 2006. Disponível na página www.unwto.org. Acesso em 10.09.2007.

OURIQUES, Helton Ricardo. A produção do turismo: fetichismo e dependência. Presidente Prudente, Curso de Pós-Graduação em Geografia, 2003. [Tese de Doutorado].

_____. O desenvolvimento do turismo nas periferias do capitalismo. In: Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, número 61, junho de 2006, 5 páginas. Disponível na página www.espacoacademico.com.br.

PERA, Lee e McLAREN, Deborah. Globalización, turismo y pueblos indígenas: lo que debemos saber acerca de la “industria” más grande del mundo. *Turismovisión*. Informativo de Tourism Watch, n. 6, outubro de 2001, 6 f. Disponível em www.tourism-watch.org/esp. Acesso em 11.09.2003.

PLEUMARON, Anita. Turismo, globalización y desarrollo sustentable. *Revista del Sur*. Montevideo, n. 91, maio de 1999, 9 f. Disponível em www.revistadelsur.org.uy. Acesso em 24.03.2003.

ROBINSON, M. Por um turismo consensual. In: Turismo e cultura. Um casamento por conveniência. O Correio da Unesco, Brasília, set./out. 1999, p. 22-23.

SAAL, U. “...Cuando los turistas llegaron...”. Desarrollo y Cooperación. Bonn, Fundación Alemana para el Desarrollo Internacional, n. 2, 1987, p. 8-11.

TURNER, L. e ASH, G. La horda dorada. Madrid, Ediciones Endymion, 1991.

VARGAS, Rosa. En el outro Cancun, suicídios y pobreza para descendientes mayas. La Jornada, México, 10.09.2003. Disponível em www.lajornada.mex. Acesso em 12.09.2003.